AESE ESCOLA DE DIRECÇÃO E NEGÓCIOS
Correio da AESE
18.OUT.2011
N.565
DOCUMENTAÇÃO
www.aese.pt

Israel-Palestina: aprender a conviver

Os confrontos armados entre palestinianos e soldados israelitas são as imagens que mais nos chegam do Médio Oriente. As tensões estão à flor da pele. Mas – organizadas ou espontâneas – há cada vez mais iniciativas destinadas a fomentar a convivência pacífica e a cooperação entre os dois povos confrontados. Contudo, estas iniciativas são ainda poucas e com sérios obstáculos e incompreensões.

O Estado de Israel tem uma complexa estrutura demográfica. Dos seus 7,2 milhões de habitantes, cerca de 80% são judeus. Entre estes, a maioria é composta pelos judeus seculares, aos quais se juntam os fiéis de diferentes correntes religiosas hebraicas. Os 20% restantes são integrados principalmente por árabes – muçulmanos e cristãos – que dispõem de nacionalidade israelita. São os palestinianos ou os seus descendentes que permaneceram em território israelita após ter sido fundado o Estado de Israel em 1948. Regista-se igualmente a presença de uma importante minoria drusa.

Em resposta a tal diversidade, Israel oferece um sistema educativo plural, que passa todavia pela segregação dos seus diferentes grupos populacionais em tipos diferentes de escolas. Os judeus têm à sua disposição escolas estatais tanto laicas como religiosas (sefarditas, askenazis e sionistas religiosas). Ao mesmo tempo, existem também escolas estatais para árabes e drusos, nas quais se ministram as aulas em árabe e o hebraico é ensinado como idioma estrangeiro. Mas ver israelitas judeus e árabes sentados na mesma sala de aula é ainda uma experiência marginal, que acontece sobretudo em escolas de propriedade não estatal como escolas internacionais ao estilo dos liceus franceses ou das escolas norte-americanas.

Juntos a partir da secretária

Essa segregação nas escolas corresponde também à segregação real que – embora com excepções – existe no dia-a-dia entre grande parte dos judeus e árabes em Israel. Numa cidade como Jerusalém, onde 66% da população é judia e 34% árabe, costumam viver em bairros diferentes claramente delimitados e frequentar igualmente os seus próprios bares, restaurantes e estabelecimentos comerciais.

Apesar da sua vizinhança, muitos nunca contactam ninguém da outra parte, e desconhecem amplamente a sua cultura, os seus costumes e os seus pontos de vista. Uma situação como essa, acompanhada por actos de violência e instigações mútuas, só pode contribuir para difundir o ódio.

Uma instituição escolar fundada há uma década propôs que esta coexistência se tornasse em verdadeira convivência, desde o jardim de infância e a primeira secretária da sala de aulas. O Centro Hand in Hand para a Educação Judaico-Árabe, com sedes em Jerusalém e Portland (EUA), dispõe de quatro escolas de ensino primário e secundário em Israel, onde judeus e árabes aprendem juntos, com um plano de estudos bilingue hebraico-árabe. O ano lectivo é frequentado por mais de 800 alunos, desde a creche até ao nono ano, e segundo a organização, a procura tem vindo a aumentar.

Em cada centro escolar existem dois co-directores, um judeu e outro árabe, e cada sala de aula é partilhada em conjunto por um professor judeu e por outro árabe. As escolas situadas em Jerusalém, Galileia, Wadi Ara e Beersheva, receberam a certificação oficial para poder dar aulas e fazer exames. Os seus promotores lutam para que o modelo bilingue passe a fazer parte do sistema estatal e também que estes centros passem a ser financiados pelo tesouro público. A sua principal fonte de subsistência são as próprias famílias e fundações privadas.

De qualquer maneira, algumas das escolas receberam importantes subsídios de instituições públicas ou semi-públicas. Para a edificação das suas instalações, o Colégio Max Rayne de Jerusalém recebeu 11 milhões de dólares de doadores internacionais recolhidos pela Fundação Jerusalém, criada pelo lendário autarca Teddy Kollek (1965-1993), considerado um visionário da convivência entre judeus e árabes. Estudam na escola, 256 alunos árabes e 205 judeus, entre os quais se encontram tanto árabes muçulmanos como cristãos, e tanto judeus seculares como tradicionais.

Yohanan Eshhar, um dos dirigentes da Hand in Hand, assegura que no pátio, os alunos falam entre eles tanto hebraico como árabe e brincam juntos sem pensar que "eu sou judeu" ou "tu és árabe". "Ensinamos-lhes as duas partes, as duas histórias. Conhecem a história judia e a história palestiniana. Ensinamos-lhes a sensibilidade para com o sofrimento dos outros, e que ambos os lados têm direito a estar aqui. Ensinamos-lhes esse direito".

O desporto, laço de união

Também o Centro Shimon Peres para a Paz tenta que as crianças de ambos os lados se conheçam e tenham contacto entre elas desde idades precoces, utilizando o seu gosto pelo futebol como laço de união. Desde 2002, a fundação lançada pelo Presidente de Israel e Prémio Nobel da Paz, promove um programa de associação entre escolas desportivas israelitas e dos territórios palestinianos, participando um total de 35 centros. Durante o ano lectivo, as crianças reúnem-se três ou quatro semanas para jogarem futebol juntas, não israelitas contra palestinianos, mas em equipas mistas.

Desde 2005, que se tem realizado um acampamento de Verão, onde aprendem a superar os preconceitos treinando em conjunto e convivendo 24 horas por dia. A actividade, conhecida como a "Aldeia Futebolística da Esperança", realizou-se, por exemplo, em Meir Shefiya, junto a Haifa, com 30 crianças israelitas e 30 palestinianas, de entre 6 e 13 anos. Os assistentes vieram de zonas deprimidas: os palestinianos do campo de refugiados de Tulkarem, na Cisjordânia, e de bairros árabes de Jerusalém, os israelitas de Kiryat Gat, cidade marcada por um elevado desemprego e uma forte imigração. São lugares onde o ódio pela outra parte é mais extremado. Para essas crianças, torna-se à partida um aliciante poder treinar em instalações de grande qualidade, às quais sem esta iniciativa não teriam acesso.

Gal Peleg, coordenador de actividades desportivas do Centro Shimon Peres, mostra-se convencido de que "o desporto pode trazer a mudança", pela sua capacidade de unir até os grupos de pessoas mais antagónicas. "Se olharmos para uma equipa como o Barcelona, com muitas nacionalidades, com muitas cores, com jogadores de religiões diferentes, tudo está misturado e, no entanto, os adeptos identificam-se com a equipa", afirma.

De qualquer forma, segundo Peleg, embora o patrocinador do centro seja o próprio chefe de Estado israelita, as suas actividades deparam com sérios obstáculos para a sua realização, principalmente o de conseguir licenças de entrada em Israel para crianças palestinianas. Desde a onda de atentados desencadeada pela segunda intifada palestiniana do Outono do ano 2000, cada vez menos palestinianos têm recebido autorização para visitar Israel, enquanto que os cidadãos israelitas judeus – na sua grande maioria – têm o acesso vetado aos territórios autónomos palestinianos.

"Apesar de todas as dificuldades, sentimo-nos muito honrados e entusiasmados por este trabalho e esperamos que seja uma grande experiência para as crianças. Quando regressarem junto com os seus pais, espero que as crianças palestinianas recordem que os israelitas não são só os 'soldados maus' dos postos de controlo, e que os israelitas não pensem que todos os palestinianos são terroristas suicidas", salienta Peleg.

Educar para a paz no meio do conflito

Conseguir licenças de entrada em Israel para palestinianos também é um dos principais obstáculos que encontra a Fundação Konrad Adenauer, ligada à democracia-cristã alemã, para implementar os seus programas pró-convivência no Médio Oriente. Entre os seus projectos mais destacados encontra-se uma série de seminários onde professores israelitas, palestinianos e jordanos desenvolvem em comum planos de estudo para educar nos valores democráticos. O programa arrancou em Abril de 2007, participando nele quase 90 professores de 15 escolas.

Conforme narra o representante da fundação política alemã em Jerusalém, Lars Hänsel, um foguete Kassam palestiniano lançado da Faixa de Gaza atingiu, em 2007, uma escola israelita participante no projecto, a Sar HaNegev High School. O projéctil provocou grandes danos materiais numa das salas de aula, que felizmente se encontrava vazia. Hänsel explica que, num primeiro momento, surgiu a dúvida de se devia ou não continuar com o projecto. No entanto, a direcção da escola afectada expressou de imediato a sua intenção de continuar. "Além disso, o coordenador palestiniano ligou rapidamente para a Sar HaNegev High School a pedir desculpa pelo ataque em nome dos palestinianos", afirma Hänsel.

Segundo o alemão, um grupo com o qual a fundação está a trabalhar cada vez mais é o dos assistentes dos deputados israelitas, que acompanham diariamente o trabalho e as decisões dos parlamentares. Por várias vezes, a Fundação Konrad Adenauer organizou para eles encontros com palestinianos. "Recentemente, um jovem colaborador de um deputado reconheceu ser a primeira vez que se encontrava com um palestiniano. Muitos não sabem como pensa a outra parte", diz Hänsel.

Entre outros projectos que a fundação alemã impulsiona, com outras instituições, está uma câmara de comércio palestiniano-israelita, que facilite o contacto e a distensão, partindo da base de interesses empresariais comuns.

Fazer música no mesmo grupo

Fama mundial tem a West-Eas-tern Divan Orchestra, promovida pelo maestro e pianista argentino--israelita Daniel Barenboim e pelo falecido intelectual palestiniano-norte-americano Edward Said. Ambos receberam o Prémio Príncipe das Astúrias da Concórdia 2002 por esta iniciativa, com jovens músicos israelitas, palestinianos e de países árabes a ensaiar e tocar juntos, até em digressões internacionais.

Mas a música consegue unir judeus e árabes inclusivamente na mesma rua. O System Ali (em árabe algo como "Subam o volume!") é um grupo de *hip hop* onde se juntaram jovens judeus e árabes. A formação tem sede em Yafo, uma das cidades portuárias mais antigas do mundo e hoje fundida na grande Telavive.

Dos 55.000 habitantes de Yafo, dois terços são judeus e um terço árabes, com uma convivência não liberta de problemas e tensões racistas. Como noutros lugares de Israel, a comunidade árabe é mais pobre que a judia, e o aumento nos alugueres tem provocado o êxodo dos residentes árabes.

A banda integrada por uma dezena de *rappers* e músicos instala muitas vezes o seu equipamento na rua para interpretar temas em torno da convivência pacífica.

A mensagem é clara e precedida pelo exemplo: judeus e árabes devem escutar-se e construir alguma coisa juntos desde o simples cidadão. Muitas vezes chegam a juntar centenas de pessoas nos seus concertos, sendo possível ver a dançar juntos na mesma direcção, tanto judeus como árabes, mesmo homens com *kipá* ou mulheres com véu islâmico.

Uma iniciativa como o System Ali, vinda da base, não é única em Yafo. Formaram-se lá vários grupos de vizinhos árabes e judeus que se reúnem regularmente para se conhecerem melhor e conversarem calmamente sobre a vida quotidiana, problemas comuns ou pontos de vista de uns e outros.

Mas, na tensão diária da sociedade israelita, isto depara muitas vezes com incompreensões. "Ao começarmos o System Ali, alguns diziam-me: 'Ouve lá, o que é que estás a fazer? Vais juntar-te realmente a árabes numa banda?' Outra vez convidei alguns amigos *breakdancers* a actuar connosco, mas quando lhes contei que era em Yafo, alguns disseram-me: 'Em Yafo? Com todos os árabes? Lamento, mas não é o meu meio'. Digo-lhes que são pessoas com que partilho pensamentos e sentimentos e que este é o meu lugar", diz Emver Septibraginov, um imigrante judeu uzbeque.

V. P.

Árabes israelitas apanhados entre dois mundos

Quando David Ben Gurion proclamou o Estado de Israel, a 14 de Maio de 1948, viviam no território do país recém-nascido quase um milhão de palestinianos. Mas, na guerra com países árabes que logo se desencadeou, fugiram ou foram expulsos das suas casas centenas de milhares. 120.000 palestinianos que ficaram em Israel adoptaram a nacionalidade israelita. E, hoje, com a sua descendência, os árabes israelitas já são 1,4 milhões, de entre os 7,2 milhões de habitantes de Israel.

A Declaração de Independência lida por Ben Gurion, reconhece-lhes os mesmos direitos que aos seus concidadãos judeus. Participam tal como estes no sistema democrático e fundaram mesmo partidos representados no Knesset, como a Lista Árabe Unida, o Hadash ou o Balad. O seu idioma é oficial juntamente com o hebraico e gozam, sem a menor dúvida, de maiores liberdades que no resto do mundo árabe.

Os árabes israelitas estão isentos do serviço militar que, homens e mulheres, devem prestar em Israel. Alguns entendem isto como uma discriminação, enquanto outros encaram-no como uma concessão, para que não tenham de disparar contra outros árabes.

Os árabes israelitas vivem como se estivessem apanhados entre dois mundos. Por um lado, no meio do conflito, muitos israelitas judeus encaram-nos como palestinianos e, em resumo, como inimigos, evitando contactar com eles. Entretanto, muitos palestinianos sem passaporte hebreu, insultam os árabes israelitas como traidores e colaboradores dos judeus na opressão do povo palestiniano.

Árabes israelitas alcançaram lugares elevados na Administração Pública. O deputado trabalhista Raleb Majadele é, desde 2007, ministro da Ciência, Cultura e Desportos. Majalli Wahabi é vice-presidente do Knesset pelo partido Kadima e vice-ministro dos Negócios Estrangeiros. Salim Joubran é, por seu turno, juiz do Supremo Tribunal. No âmbito do desporto, o árabe Abbas Suan é um dos maiores goleadores da selecção israelita de futebol.

De qualquer maneira, muitos árabes israelitas sentem-se cidadãos de segunda. Mais de metade vive na pobreza. Os centros populacionais árabes dispõem de infra-estruturas de pior qualidade que as zonas judias e também as escolas públicas árabes estão dotadas com menos meios, segundo organizações árabes israelitas. O grupo defensor dos direitos civis Adva concluiu que os israelitas árabes mal têm beneficiado do crescimento da economia do país. Apesar, por exemplo, de o número dos desempregados em Israel ter descido de 279.800 em 2003 (10,7%) para 211.800 em 2007 (7,3%), os árabes sem trabalho nesse período passaram de 34.100 para 38.300. Também no período em causa, os salários árabes reduziram-se de 73% para 70%, em relação à média nacional israelita.

O Mosawa Center de Haifa refere, por exemplo, 169 incidentes racistas contra árabes israelitas em 2007, desde declarações de políticos, até profanações de mesquitas e cemitérios, ou mortes injustificadas às mãos da Polícia. O deputado ultranacionalista Avigdor Liberman, presidente do partido Nossa Casa Israel e que já fez parte do Governo de Israel, chegou a comparar os parlamentares árabes do Knesset com colaboradores nazis e instou a executar os que se reúnam com políticos palestinianos.